

História política da América Central no século XX (1900-1989).

Political history of Central America in the twentieth century compared to Brazil through a Brazilian newspaper (1900-1989).

Cássio Augusto Samogin Almeida Guilherme¹

Resumo: Este artigo apresenta uma leitura introdutória sobre a história política da América Central no século XX. Ao fazermos uma revisão de parte da bibliografia disponível, objetivamos auxiliar estudantes e pesquisadores que iniciam leituras sobre a região. Ao longo do texto ilustramos as temáticas com reportagens do jornal *O Estado de S. Paulo* acerca de alguns dos acontecimentos políticos aqui abordados.

Palavras-chave: América Central, política, século XX.

Abstract: This article presents an introductory reading about the political history of Central America in the twentieth century. Reviewing part of the available bibliography, we aim to assist students and researchers who are starting their reading about the region. Throughout the text illustrate the thematic with reports from the newspaper *O Estado de S. Paulo* about some of the political events that we discussed.

Key words: Central America, politics, 20th century.

Introdução

Para quem não é especialista no tema, é confusa a história e o presente dos povos e países da faixa de terras que forma a América Central. Nos cursos de graduação em História, a região é geralmente estudada apenas nos recortes temporais da Civilização Maia e da conquista e exploração espanhola. Pouco ou nada se estuda e pesquisa sobre o istmo centro-americano independente e no século XX. Na imprensa, as reportagens costumam enfatizar os prejuízos econômicos e humanitários causados por terremotos, erupções vulcânicas, tempestades e, principalmente, a histórica instabilidade política.

¹ Possui graduação em História pela Faculdade Estadual de Educação, Ciência e Letras de Paranavaí (2009), graduação em Direito pela Universidade Paranaense – Paranavaí (2005) e mestrado em História pela Universidade Estadual de Maringá (2012). Atualmente é Professor Assistente A da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Tempo Presente. Email: cassionl@yahoo.com.br

Comumente, se vê a região como uma “República das Bananas” onde golpes e ditaduras são frequentes. As elites agrárias e militares a serviço das companhias estadunidenses e com apoio armamentista, financeiro e ideológico dos Estados Unidos da América (EUA) se unem, acomodam e adaptam diante das reivindicações e mobilizações populares. No pós II-Guerra Mundial, a tentativa de abertura democrática não ampliou a participação popular, resultou em autoritarismo, privilégios aos grandes proprietários e militares, com o aumento da injustiça social. O resultado foi, com apoio dos EUA, a violência estatal contra indígenas, camponeses, estudantes e trabalhadores urbanos. Sem democracia e com fome, a alternativa guerrilheira se fez presente na região no final do século. Como aponta Manuel Bolaños, “la inestabilidad política y la violencia institucionalizada son entonces las características más sobresalientes del período em casi todos los países” (1994, p. 85).

Com o objetivo de auxiliar estudantes e pesquisadores do tema, este artigo² apresenta uma leitura introdutória sobre a história política do século XX nos países que formam o istmo da América Central³. Além disso, com objetivo de ilustrar a temática, apresentamos como o jornal *O Estado de S. Paulo (Estadão)* noticiou para o seu público, alguns dos acontecimentos políticos aqui abordados. A escolha do periódico se justifica em virtude de ser um jornal centenário, de grande poder de influência e atuação conservadora na política brasileira do século XX (GUILHERME, 2018).

Início do século XX, governos oligárquicos e ditaduras da década de 1930

A região centro-americana entrou no século XX tendo sua economia centralizada na produção monocultura do café para exportação, com mão de obra próxima à servidão e riqueza acumulada pela pequena parcela de proprietários rurais, o que resultou em fraco desenvolvimento do mercado interno. No período, há também a invasão de capitais estrangeiros em serviços como ferrovias, portos e energia elétrica, bem como na produção de banana para exportação. O resultado é a quase completa dependência econômica da América Central frente aos países europeus e principalmente, dos EUA.

² Este artigo foi pensado e escrito a partir das aulas ministradas pelo professor José Edgardo Cal Montoya (Universidad de San Carlos de Guatemala) no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá (PPH-UEM), linha de História Política.

³ Embora a região da América Central seja formada pelos países localizados no istmo e nas ilhas do mar do Caribe, por questões didáticas e de limite de espaço, privilegiamos neste artigo apenas os seguintes países: Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica e Panamá.

Logo em 1903, a primeira grande intervenção dos EUA na região – como parte da Doutrina Monroe – já prenunciou como seriam os anos seguintes. Interessados em retomar a construção do canal interoceânico na região, um grupo constituído de panamenhos e estrangeiros ofereceu ao presidente Roosevelt o projeto de conspiração para separar o Panamá da Colômbia. Quando declararam a independência, os EUA logo a reconheceram e navios de guerra garantiram que os colombianos não reagiriam. Quinze dias depois, um Tratado garantiu aos estadunidenses direito de soberania perpétuo sobre o Canal que voltou a ser construído. Segundo Michael Conniff, na prática, o Panamá se tornou um protetorado dos EUA que adquiriram o direito de intervir quando entendesse ser necessário manter a “ordem pública”: “el tratado de 1903 se convertió en un pecado original que emponzoñaría las relaciones entre los dos países durante generaciones” (2001, p. 251)

O exercício do poder político estava nas mãos dos setores dominantes, em especial os grandes latifundiários. As constituições pretensamente liberais, proibiam o voto das mulheres e dos analfabetos, o que, como explica Arturo Arriola, “permitió la consagración de la oligarquía como clase política, restringiendo al máximo las expresiones políticas de las otras clases o sectores sociales” (1994) e a profissionalização do exército garantiu a repressão das rebeliões populares.

As características presentes na história da virada de século na América Central são próximas da sociedade brasileira no mesmo período: economia monocultura de agro-exportação; retórica constitucional liberal que na prática restringia a participação das classes populares na política; desprezo pela vida de tal população, sempre reprimidas pelas forças militares; o poder exercido apenas pela oligarquia agrária.

É vertiginosa a expansão do capital estadunidense no istmo em início do século XX. Tanto as empresas, e o caso da United Fruit Company é emblemático, quanto o governo dos EUA passaram a intervir cada vez mais diretamente nos assuntos internos dos países centro-americanos. Para consolidar seus interesses, financiavam campanhas eleitorais e subornavam políticos e militares. Quando a “estabilidade política” exigida pelos negócios capitalistas na região era ameaçada, diplomatas dos Estados Unidos impunham o candidato preferencial, como em 1919 em Honduras ou mesmo a invasão militar na Nicarágua em 1912.

Arturo Arriola (1994) aponta que a década de 1920 se iniciou com desenvolvimento econômico impulsionado pelas vendas de café e banana no pós I-

Guerra, isso permitiu a ampliação de camadas médias urbanas e protestos populares a favor de reformas. Quando as greves atingiam os interesses bananeiros estadunidenses, foram rapidamente reprimidas pelos militares.

A escalada de descontentamento atingiu o clímax com a crise econômica mundial de 1929. Como explica Edevaldo Rivas (2001), num contexto de economia liberal agro-exportadora, Estado a serviço dos interesses dos fazendeiros e companhias estadunidenses, endividamento público, débil consumo e baixos salários, a dominação oligárquica ficou ameaçada pelo descontentamento popular.

O crescimento das agitações sociais no contexto de crise econômica deslegitimou o Estado liberal oligárquico. Na Nicarágua, o promíscuo acordo político como os EUA gerou reação. Em 1927, um grupo de oficiais liderados por Augusto César Sandino, que dizia lutar contra a “corja de canalhas, covardes e traidores, incapazes de dirigir um povo patriótico e valoroso” (ZIMMERMANN, 2006, p. 29), se refugiou nas montanhas e deu início a uma guerra de guerrilha. Logo, camponeses e mineiros cansados dos abusos dos patrões, burocratas e cobradores de impostos, reforçaram o grupo guerrilheiro.

Devido à eficiente tática da guerra de guerrilha e ao apoio do campesinato empobrecido, o exército sandinista, com menos de mil homens, causou sérios problemas à Guarda Nacional criada pelos EUA no país antes da retirada de seus fuzileiros navais que ocupavam a Nicarágua desde 1912. O governo estadunidense pressionou o novo presidente Juan Bautista Sacasa que finalmente chegou a um acordo de paz com Sandino em 1933. No ano seguinte, com a cumplicidade presidencial e do embaixador dos EUA, a Guarda Nacional, chefiada por Anastasio Somoza, sobrinho do presidente, assassinou Sandino e seus principais companheiros. Quatro dias após o assassinato de Sandino, os leitores paulistas do jornal *O Estado de S. Paulo* leram a seguinte notícia:

Morte do General Sandino: A ‘Associated Press’ informa que os guardas nacionaes de Nicarágua estavam convencidos de que Sandino não respeitaria os termos do accordo, assignado ha um anno, ou então, seria incapaz de desarmar seus partidários e obter a entrega das armas. Como houvessem surgido certas difficuldades quarta-feira ultima, os guardas teriam preferido agir immediatamente, afim de evitar que o general voltasse às montanhas e pudesse preparar nova revolução⁴.

Na noite que foi capturado e morto pela Guarda Nacional, Sandino saía de um jantar festivo com o presidente Juan Sacasa. O *Estadão* noticiou as declarações do

⁴Jornal *O Estado de S. Paulo*, 25/02/1934, p. 26.

presidente: disse que mandou abrir inquérito para punir os culpados e que reprovava “estes crimes injustificados, que comprometem o meu governo e são resultados da má administração da Guarda Nacional”⁵. A resposta de Anastásio Somoza foi publicada no diário paulistano: “declarou que os homens que rodeavam Sandino representavam grande perigo para o país, porque tinham em vista o comunismo” e acrescentou com palavras do próprio chefe da Guarda Nacional: “a morte do caudilho causou uma sensação de alívio aos habitantes [...] o meu objectivo é cooperar para manter a ordem e a lei e para que se obedeça ao presidente”⁶. Em 1936, Somoza deu o golpe militar que iniciou a ditadura familiar que prometia paz e ordem e por isso alimentou expectativas positivas da burguesia nicaraguense e dos governos estadunidenses (ZIMMERMANN, 2006).

Em El Salvador, desde o início da década de 1920, estudantes e operários ligados ao pequeno Partido Comunista Salvadorenho já causavam transtornos à oligarquia dominante. Augustín Farabundo Martí, um dos líderes da esquerda salvadorenha, foi diversas vezes expulso do país e em um de seus exílios manteve contato com Augusto Sandino. Em 1930 regressou definitivamente e se lançou na militância política para organizar uma guerrilha nos moldes da nicaraguense.

O golpe militar de 1931, comandado pelo general Maximiliano Hernández Martínez, radicalizou ainda mais o país. Uma tentativa de sublevação camponesa e grevista em 1932 se mostrou desorganizada e recebeu pronta e violenta repressão da ditadura. Entre os cerca de trinta mil mortos, estava Farabundo Martí. Como explica Tommie Montgomery e Christine Wade:

Os militares consolidaram seu poder no governo. Acabara a farsa da participação popular na política. As organizações de “campesinos” foram banidas. O Partido Comunista só existia na clandestinidade. A oligarquia estava enfim no estado de paz social que tanto almejava [...] chegou a um acordo com o exército para manter a estabilidade e proteger seus interesses econômicos (2006, p. 30).

Em suma, o temor de que as agitações subvertessem os interesses da elite latifundiária e das companhias estadunidenses, deu lugar a ditaduras na Guatemala (1931), El Salvador (1931), Honduras (1933) e Nicarágua (1936). Apenas as elites da Costa Rica, mais abertas a convivência com opositores, pôde manter seu regime político de alternância de poder entre oligarquias e enfraquecer o exército.

⁵Jornal *O Estado de S. Paulo*, 27/02/1934, p. 02.

⁶Jornal *O Estado de S. Paulo*, 04/03/1934, p. 32.

Assim como ocorreu no Brasil, a Segunda Guerra Mundial fechou os mercados à economia dependente da exportação de café e bananas dos países da América Central. Ao contrário da ditadura de Getúlio Vargas, os ditadores centro-americanos não tiveram condições econômicas de impulsionar a indústria local e, por isso, as consequências econômicas foram sentidas de maneira mais forte pelas oligarquias e principalmente pelas classes populares. A bibliografia aponta outra consequência da II-Guerra também vivida no Brasil, que é o clima democrático impulsionado pela derrota do fascismo europeu (RIVAS, 2001).

Pós guerra e tentativas de democratização (1944-1959)

Embora haja impactos e dinâmicas diferentes em cada país, o pós II-Guerra resultou na queda das ditaduras centro-americanas – com exceção da Nicarágua de Somoza –, abertura política, reformas sociais, crescimento econômico e algumas indústrias nos centros urbanos. Tais transformações permitiram a entrada de novos atores sociais em cena e mudanças na dinâmica política da região. O crescimento da classe média, do operariado e a maior organização do campesinato convivia com a cultura política anticomunista, o medo da reforma agrária, a hegemonia econômica dos proprietários rurais e companhias estadunidenses, e, principalmente, a manutenção da tutela política e militar dos EUA que, no contexto de Guerra Fria, teria intensa atuação na América Latina dos anos seguintes via Central Intelligence Agency (CIA) (BOLAÑOS, 1994).

Talvez a Guatemala seja o caso mais emblemático deste período. No final de 1944, um movimento liderado por setores da classe média, estudantil e intelectuais, apoiados por camponeses e operários, pôs fim à ditadura de Jorge Ubico que governava o país desde 1931. No mesmo ano e por esmagadora maioria, foi eleito Juan José Arévalo que logo elevou os gastos públicos para construção de escolas e hospitais, campanhas de alfabetização e planos para dinamizar a economia. As políticas sociais ganharam destaque com a criação do Instituto de Seguridade Social e principalmente, o Código de Trabalho, que despertou forte oposição dos fazendeiros, empresários e companhias estadunidenses. “Desde o começo, a Revolução de Outubro gerou adversários naturais” (GRANDIN, 2004, p. 35) e Arévalo teve de lidar com várias

atividades conspiratórias que até resultaram na expulsão do embaixador dos EUA no país.

Na eleição seguinte, o candidato governista Jacobo Arbenz foi eleito também com ampla maioria dos votos e, dessa vez, com apoio do movimento sindical e do Partido Guatemalteco do Trabalho, formado pelos comunistas. Em seu discurso de posse, o candidato prometeu transformar a Guatemala em um país de capitalismo moderno, com indústrias e não dependente apenas da exportação de um único produto. Para isso, a reforma agrária foi tratada como item essencial. Explica Edevaldo Torres Rivas que:

Entre 1951 y 1954 se intentó renovar el antiguo sistema de propiedad de la tierra imponiendo una reforma agraria que constituyó el más profundo desafío al orden tradicional em toda la región. La reforma trató de castigar a los grandes terratenientes improductivos, prohibir toda forma de servidumbre personal y utilizar la tierra como medio de producción y trabajo. El propósito implícito era dismantelar la antigua estructura rural de clases y crear un mercado interior que fuera capaz de sostener el crecimiento industrial bajo el control de capital nacional y estatal (2001, p. 26).

A bibliografia aponta que milhares de hectares foram expropriados para a reforma agrária, sendo que a United Fruit Company chegou a perder quase a metade das terras que explorava (BOLAÑOS, 1994). A companhia bananeira lançou mão de forte campanha difamatória na imprensa contra o governo guatemalteco e lobbies junto ao governo estadunidense que promoveu embargos diplomáticos e econômicos ao país. Com ajuda da Igreja, as elites agrárias enfatizaram a retórica anticomunista, muito bem recepcionada pelas classes médias urbanas no contexto de Guerra Fria.

Então, a CIA treinou, financiou e armou diversos grupos insurgentes no país. Em 1954, o coronel Carlos Castillo Armas, que já havia tentado um golpe quatro anos antes, invadiu a Guatemala com apoio estadunidense, o exército guatemalteco se recusou a combatê-lo, o que forçou Jacobo Arbenz a renunciar. Foi o primeiro êxito da CIA em promover golpes de Estado na América Latina, o que se tornaria rotineiro ao longo da segunda metade do século XX. O novo governo logo devolveu as terras então expropriadas, reverteu a reforma agrária, fechou sindicatos, amenizou o Código de Trabalho, prendeu e assassinou opositores. “El via crucis guatemalteco había comenzado” (RIVAS, 2001, p. 102), ou como defende Greg Grandin:

A deposição de Arbenz foi um passo decisivo rumo à radicalização da política continental, assinalando a destruição de uma das últimas – e, sem dúvida, a mais influente – democracias instituídas no ciclo reformista de 1944-1946. Isso confirmou a suspeita crescente, entre muitos democratas e

nacionalistas, de que os Estados Unidos eram menos um modelo e ser imitado do que um perigo a ser temido (2004, p. 19).

Quatro dias após a invasão do território guatemalteco, os leitores do *Estadão* puderam ler uma longa matéria com as primeiras informações do fato e que corroboram os argumentos encontrados na bibliografia. A condução da reportagem é uma entrevista do ministro do Exterior, Guillermo Toriello que “afirmou que o movimento rebelde conta com o apoio do presidente Somoza, na Nicarágua, e com auxílio das companhias norte-americanas que têm interesses na Guatemala, especialmente a ‘United Fruit Co.’” que pretenderiam “derrubar o presidente Arbenz, para impor ao país uma ditadura que restabeleça seus privilégios”. O jornal abriu aspas para as críticas do chanceler ao que qualificou de “campanha criminoso” feita por funcionários dos EUA “tratando de envenenar a opinião pública da América” contra o governo guatemalteco, e arrematou: “Eles acreditam que têm o direito de governar o mundo”⁷.

Na matéria que noticiou a renúncia de Arbenz, se pode ler que, em comunicado feito à rádio daquele país, o ex-presidente nega a infiltração comunista em seu governo e que tudo não passou de “pretexto para derrubar o governo, que se empenhava em prol da libertação econômica do país” e voltou a acusar a United Fruit e o governo estadunidense. Em outra reportagem, no mesmo dia, o matutino paulista informa a reunião convocada pela Organização dos Estados Americanos (OEA), a pedido do Brasil, EUA, Nicarágua, Honduras, Costa Rica e outros países, “a fim de decidir das medidas a serem adotadas ante a intervenção do comunismo internacional na Guatemala”⁸. Meses depois, com a situação política já consolidada no país, o mesmo jornal publicou fala do presidente dos EUA, Dwight Eisenhower de que daria todo apoio econômico à Guatemala para “eliminar quaisquer vestígios de comunismo no território do país”⁹.

Na Costa Rica, o reformismo social se consolidou sob a direção das elites que se alternaram continuamente no poder (CRUZ, 2001). Em El Salvador, uma sucessão de golpes manteve a tutela militar sobre o poder civil cujas eleições aconteciam quase com partido único. Embora alguns avanços sociais tenham sido conquistados, as agitações continuavam sendo reprimidas pelos militares (DUNKERLEY, 2001a). Em Honduras, a eleição de Juan Gálvez tentou dar ar democrático à continuação da ditadura do general

⁷Jornal *O Estado de S. Paulo*, 19/06/1954, p. 01.

⁸Jornal *O Estado de S. Paulo*, 29/06/1954, p. 01.

⁹Jornal *O Estado de S. Paulo*, 17/08/1954, p. 02.

Tiburcio Carías Andino, mas uma greve de trabalhadores da United Fruit estimulou outra sequência de golpes e fechamento político. Na Nicarágua, tentativas de abertura política foram frustradas pelo ditador Anastasio Somoza, sempre com ajuda dos EUA e respaldo militar da Guarda Nacional. O ditador era periodicamente “reeleito”, mas em 1956 morreu após ser atingido por um tiro disparado pelo poeta Rigoberto López Pérez, durante um comício. Nem assim sua ditadura caiu. O filho mais velho, Luis Somoza foi “eleito presidente” e o mais novo Anastasio Somoza Debayle ficou com o comando da Guarda Nacional (BOLAÑOS, 1994).

O *Estadão*, quando noticiou os tiros em Somoza, o chamou de “presidente da Nicarágua”. O mais interessante na reportagem são as “providências adotadas por Eisenhower”. O presidente dos EUA ordenou que três médicos do exército estadunidense, incluindo o seu médico particular, viajassem às pressas para socorrer o ditador nicaraguense, bem como que os médicos do país atuantes no Canal Panamá fizessem o mesmo¹⁰. Somoza acabou transferido para um hospital estadunidense no Panamá, onde faleceu. Seu corpo foi enviado à Nicarágua “em avião especial da Força Aérea dos Estados Unidos”. A morte foi lamentada por Eisenhower que, segundo o jornal, declarou: “O país [EUA] une-se a mim para lamentar a morte do presidente Somoza, vítima, há alguns dias, de um covarde assassino. O presidente Somoza lembrava, constantemente, [...] a amizade que tinha com os Estados Unidos”. Ao final, o jornal resume a carreira política do ditador eufemisticamente chamado de “homem forte” sem qualquer referência à Sandino ou ao golpe dado por Somoza, diz erradamente que ele foi “eleito presidente em 1937”¹¹. Matilde Zimmermann relembra uma anedótica frase atribuída a Eisenhower: “Somoza pode ser um filho da puta, mas é o nosso filho da puta” (2006, p. 31).

Reação das elites, ditaduras e guerrilhas (1960-1980)

As pressões populares por reformas e abertura política dos anos 1950, somadas à influência da Revolução Cubana de 1959, resultaram na reação das elites, na introdução da doutrina de segurança nacional onde o inimigo é interno e em mais ditaduras militares na década seguinte. Os EUA, via “Aliança Para o Progresso”, aumentaram a

¹⁰ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 23/09/1956, p. 01.

¹¹ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 30/09/1956, p. 01.

ajuda econômica e militar e, embora propagassem a retórica de necessidade de reformas para amenizar a pressão social e frear a revolução comunista, o resultado foi que:

Las elites dominantes nuevamente mostraron su incapacidad para abrir los espacios para la participación política de las mayorías, temerosas del desborde que podría ocurrir [...] las reformas no se realizaron y los aparatos militares se fortalecieron en todos los países, con la excepción de Costa Rica (BOLAÑOS, 1994, p. 116).

As reformas não aconteceram, mas sim o fortalecimento das estruturas militares. Em El Salvador, a tutela militar que sustentava a democracia de fachada comandada por partido único foi substituída, em 1961, por “un nuevo período de monopolio político por parte del ejército, que, por medio de elecciones totalmente controladas” (RIVAS, 2001, p. 40) que garantiu a alternância de generais no poder, manteve o regime militar até 1982. Em Honduras, o golpe militar de 1963 iniciou a ditadura do coronel Osvaldo López Arellano que perdurou até 1975.

Em 1960, foi criado o Mercado Comum Centro-Americano (MCCA). A tentativa de facilitar as trocas comerciais entre os países da região e impulsionar a economia recebeu elogios e críticas e teve resultados positivos e negativos. Honduras sofria com *deficits* comerciais com El Salvador – o país mais populoso da região – e os dois países tinham antigos conflitos fronteiriços devido à presença de cerca de trezentos mil camponeses salvadorenhos em terras hondurenhas. No início de 1969, o governo de Honduras notificou os agricultores salvadorenhos para que deixassem as terras que ocupavam, cem mil foram expulsos do país que fechou a fronteira.

Nesse clima de tensão, as seleções de futebol de ambos os países disputariam entre si a única vaga continental para a Copa do Mundo do México e complicaram ainda mais as relações diplomáticas. No primeiro jogo em Honduras, vencido pela seleção da casa por 1 x 0, segundo o *Estadão*, “os torcedores mais exaltados de Honduras [...] agrediram os de El Salvador. Até os que estavam nos hotéis, não escaparam desse ataque”. No jogo de volta, vitória de El Salvador por 3 x 1, e segundo o mesmo jornal, “os fanáticos de El Salvador cercaram os hotéis onde estavam hospedados os hondurenhos. Estes foram obrigados a sair pelos fundos, em direção ao aeroporto. [...] houve dois mortos”¹². O jogo de desempate foi realizado no México e El Salvador venceu por 3 x 2, garantindo a vaga em sua primeira Copa do Mundo.

¹²Jornal O Estado de S. Paulo, 26/06/1969, p. 28.

Nos dias seguintes, o diário paulista seguiu repercutindo a tensão que levaria à guerra entre os países:

Hondurenho: toma teu lenho e mata um salvadorenho” – é um dos cartazes espalhados por Tegucigalpa e mostra bem qual é o ambiente no país [...] dos 300 mil salvadoreños “que exploram o campo hondurenho – de que se apoderaram ilicitamente – e que causaram problemas à agricultura nacional”, segundo declarações do embaixador de Honduras no México¹³.

Em julho, El Salvador invadiu Honduras na “guerra de cem horas”. Pressões da OEA e dos EUA abreviaram conflito que deixou milhares de mortos. Ambas as ditaduras lucraram com o sentimento de unidade nacional acentuado pelo conflito, mas tiveram de lidar com o prejuízo militar e financeiro causado às suas economias já deterioradas. No caso de El Salvador, o regresso de cem mil pessoas ao país agudizou o conflito distributivo.

Na Guatemala, desde a deposição de Arbenz, a ditadura de Castillo Armas promoveu a sua “operação limpeza”, o extermínio de opositores políticos, em especial sindicalistas e comunistas. O assassinato de Armas promovido pelo seu guarda-costas em 1957 fragmentou a coalizão golpista e desencadeou um período de curtos governos vitimados por sucessivos golpes. O golpe perpetrado pelo coronel Peralta Azurdia, em 1963, estabilizou a situação e iniciou os longos anos de controle militar sobre a política local.

É interessante, até como comparação à história do Brasil nos mesmos anos 1960, a caracterização que Edevaldo Torres Rivas faz da política na Guatemala e em El Salvador entre os anos 1960-70:

Vivieron bajo un control militar que se caracterizaba por el cumplimiento de las formalidades jurídicas. Los regímenes toleraban una oposición limitada, pero sólo dentro de los parámetros de las estrictas reglas de juego; el Congreso se hallaba bajo de fuerzas políticas estrechamente ligadas al ejército y se celebraron elecciones periódicas en las cuales los partidos podían elegir representantes, pero no presidentes, cuya selección estaba siempre en manos del alto mando militar. Esta experiencia iba acompañada de una desmovilización permanente de la organización popular y de una despolitización general de la vida política que corrían parejas con la represión brutal contra las fuerzas políticas reformistas y radicales. [...] La base de estos regímenes era una sólida alianza con el sector empresarial, cuyos intereses económicos eran promovidos de manera assídua por la política oficial. A esto se añadía el apoyo multiple de Estados Unidos. (RIVAS, 2001, p. 40)

¹³Jornal *O Estado de S. Paulo*, 27/06/1969, p. 07.

Enquanto na Nicarágua a ditadura da família Somoza seguia enriquecendo e mantendo o controle político (THOMAS, 2001b), a Costa Rica também seguiu sendo a exceção de estabilidade política e sucessões presidenciais entre a centro-direita da região.

Em todo o continente, nos países sem democracia, aos opositores que não aceitaram participar da farsa de ser a “oposição consentida”, restou apenas a luta armada contra as ditaduras militares de América Latina apoiadas pelos EUA. Na parte central do continente, pequenos focos guerrilheiros já podiam ser encontrados desde os anos 1950, mas é nos anos 1970 que eles ganham corpo, tamanho e no caso da Nicarágua, derrubam o regime da família Somoza.

Na Nicarágua, em 1961 foi fundada, por grupos marxistas ligados a estudantes, professores universitários e religiosos da Teologia da Libertação, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) que nos primeiros anos se caracterizou mais como um grupo de estudos e agitação popular e política, embora a luta armada do tipo de guerrilha já estivesse no horizonte das principais lideranças, como Carlos Fonseca Amador.

A visão nacionalista da FSLN inspirada em Sandino era a de que a Nicarágua nascera e se definira pela luta contra o colonialismo espanhol e o imperialismo norte-americano, passando pelos índios rebelados e os escravos fugidos, e culminando com Sandino e a Frente Sandinista. Somente aqueles que, como Sandino, haviam combatido a opressão e a dominação estrangeira, não os latifundiários e políticos que colaboraram [...] poderiam realmente dizer que eram nicaraguenses. (ZIMMERMANN, 2006, p. 65)

Aponta Matilde Zimmermann (2006) que, no começo dos anos 1970, a metade da população nicaraguense era analfabeta, índice que no campo chegava a 75% entre homens e praticamente 100% entre as mulheres. A Nicarágua tinha a menor expectativa de vida da região e a segunda maior taxa de mortalidade infantil. Metade das casas não possuía água encanada nem eletricidade. Catadores de algodão ganhavam um dólar por dia de trabalho, quando havia trabalho nas épocas de colheita. Em contraste, a elite latifundiária continuava concentrando renda e terras, o que acelerou o desemprego e a migração para zonas urbanas onde a vida transcorria em precárias condições nas periferias. A família Somoza era a mais rica do país. Neste cenário, crescia o descontentamento popular e a oposição à ditadura.

Nos últimos dias de 1974, quinze guerrilheiros da FSLN invadiram a casa de um rico empresário da capital durante uma festa, fez reféns e conseguiu romper o silêncio.

Somoza foi obrigado a pagar um milhão de dólares em resgate, libertar presos políticos e manifestos foram lidos nas rádios e televisões do país. Para Zimmermann, este fato gerou uma nova conjuntura política após a decretação de estado sítio pela ditadura e enorme repressão às organizações populares. A repressão dos anos seguintes “enfraqueceu seriamente a ideia de que Somoza teria o direito moral de governar a Nicarágua, ou de que poderia continuar a fazê-lo com alguma estabilidade” (2006, p. 72).

A guerrilha camponesa da FSLN instalada nas montanhas tinha dificuldades de avançar e, em 1976, o líder Carlos Fonseca foi morto em uma emboscada da Guarda Nacional somozista. Entretanto, nas cidades brotaram organizações ligadas à FSLN, greves, manifestações e ocupações. Houve aumento expressivo da oposição das classes médias, burguesas e politicamente de centro, até mesmo da imprensa. Em 1978 os acontecimentos se aceleraram, principalmente após o assassinato do jornalista Pedro Joaquín Chamorro, líder do Partido Conservador. Os EUA até tentaram mediar um acordo entre as elites políticas – excluindo a FSLN e as organizações populares –, mas a auto-organização popular queria mais.

Na segunda metade do ano, a tendência insurrecional da FSLN pôs-se em marcha, respondida por esquadrões da morte somozistas. No início de 1979, os “jovens de bandana vermelha e preta” (ZIMMERMANN, 2006, p. 87) conquistavam áreas rurais e zonas urbanas, uma greve parou a capital e forçou a Guarda Nacional a abandoná-la em junho. Somoza bombardeou e destruiu bairros populares inteiros da capital Manágua. Em 19 de julho, colunas de guerrilheiros da Frente Sandinista entraram na capital, recebidos calorosamente por milhares de moradores. Dois dias antes, Anastasio Somoza Debayle havia fugido para Miami com todo o dinheiro do Tesouro Nacional. A revolução venceu e abriu um novo período na região centro-americana.

Nos dias finais da revolução sandinista, o *Estadão* tinha em Manágua o jornalista Valdir Sanches como enviado especial e dedicou várias páginas de sua publicação diária para noticiar, mas principalmente para especular que rumos político-econômicos a revolução tomaria. Matérias como “Os guerrilheiros e as suas facções”¹⁴ e

¹⁴Jornal *O Estado de S. Paulo*, 18/07/1979, p. 08.

“EUA temem que os marxistas afastem moderados do poder”¹⁵ dão o tom. O jornalista Flávio Távares escreveu:

É difícil definir os sandinistas, desvendar suas linhas político-ideológicas segundo os esquemas clássicos. Eles próprios não se preocuparam com isto e seu êxito deriva, em parte, paradoxalmente talvez disto. Como uma “frente” – e não um partido [...] conseguiram canalizar na luta armada tanto a oposição dos empresários como a rebeldia dos trabalhadores.

Os seus dirigentes e principais “quadros” se definem como socialistas [...] invariavelmente, falam em marxismo [...] alguns dos dirigentes guerrilheiros fizeram cursos militares em Cuba [...].

Há oito anos, no México, Pedro Joaquim Chamorro qualificou-me os sandinistas de “gente correta e idealista, mas corajosamente ingênuos, com a utopia de derrubar sozinhos a dinastia Somoza”¹⁶.

A primeira Junta de Governo era formada por três sandinistas, entre eles Daniel Ortega, um empresário e Violeta Chamorro, viúva do jornalista Pedro Chamorro. Num país miserável e de caixa vazio, os desafios eram gigantescos para a revolução. De início, foram nacionalizadas todas as fábricas e fazendas da família Somoza e dos que fugiram com eles, as luxuosas casas foram transformadas em escolas e hospitais. O governo também nacionalizou os bancos, as minas de ouro controladas por estadunidenses, assumiu o controle do comércio de exportação e taxou os produtos de luxo importados pela burguesia. A prometida ajuda humanitária dos EUA não chegou, enquanto Cuba enviou carregamentos diários de comida, medicamentos, médicos e alfabetizadores (ZIMMERMANN, 2006).

Apesar de, na prática, persistir uma economia mista e as prerrogativas privadas dos grandes proprietários urbanos e rurais – a reforma agrária foi tímida inicialmente –, a burguesia local e os EUA logo perceberam que seus privilégios estavam ameaçados, e a classe média ficou desconfiada com o imenso apoio popular ao governo que já era todo controlado pelos sandinistas. A partir da posse de Ronald Reagan como presidente, os EUA aumentaram as pressões econômicas contra a Nicarágua e passaram a financiar os “contras” – grupo paramilitar formado por ex-integrantes da Guarda Nacional – para derrubarem o governo sandinista.

A historiadora Matilde Zimmermann (2006), pesquisadora da história nicaraguense, fala que mais de quatrocentos milhões de dólares foram gastos pelos EUA no financiamento e armamento de mercenários e contrarrevolucionários para destruir a revolução na Nicarágua. As atitudes dos EUA forçaram os revolucionários a buscar e

¹⁵Jornal *O Estado de S. Paulo*, 20/07/1979, p. 07.

¹⁶Jornal *O Estado de S. Paulo*, 19/07/1979, p. 08.

conseguir ajuda econômica e militar de Cuba e da União Soviética (URSS). Nesse clima de guerra interna e um país para ser reconstruído, nas eleições presidenciais 1984, o sandinista Daniel Ortega foi eleito com ampla maioria dos votos.

A quente guerra de retórica propagandística entre EUA e URSS pode ser vista nas páginas do *Estadão*. Para os estadunidenses, a eleição foi “uma farsa sem significado [...] uma peça teatral para manipular os nicaraguenses”, enquanto para os soviéticos se tratou de “uma importante vitória popular”, duro golpe para os EUA pois as eleições foram “as primeiras realmente livres e democráticas” no país “apesar da tentativa de sabotagem” estadunidense¹⁷. No mesmo dia, como era de se esperar do sempre golpista e anticomunista jornal *O Estado de S. Paulo*, o editorial repete a versão dos EUA e chama a eleição de “farsa sandinista”¹⁸. A guerra civil entre “contras” e sandinistas acabou com o cessar-fogo assinado em 1987, deixando o saldo de mais de trinta mil mortos. A queda do Muro de Berlim mudou novamente o contexto internacional e, na eleição de 1990, foi eleita a opositorista Violeta Chamorro.

A vitória dos sandinistas em 1979 serviu de exemplo e incentivo para a oposição de esquerda em El Salvador. Em 1982, a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional se tornou a catalisadora dos diversos movimentos grevistas, estudantis e camponeses. Em vários momentos, os guerrilheiros estiveram prestes a tomar o poder, mas o exército regular salvadorenho, com apoio dos EUA, conseguia reverter a questão. Em 1989, ambos os lados concordaram que nenhum tinha força suficiente para vencer e iniciaram as conversações para um cessar-fogo efetivado na década seguinte (MONTGOMERY e WADE, 2006).

No mesmo contexto, na Guatemala cresceram os movimentos populares de esquerda, que fizeram aumentar o controle militar sobre a política. Um novo golpe, em 1982, abriu período de indiscriminados massacres promovidos pelo Exército – reforçado por equipamentos enviados pelos EUA, temerosos de uma nova revolução na região – contra populações indígenas, camponesas e lideranças políticas, justificados pela retórica anticomunista. O retorno ao poder civil, em 1986, não significou a diminuição do controle militar sobre a política (DUNKERLEY, 2001b). Em Honduras, houve transição para o poder civil em 1982. Porém, parecida com a transição pós-ditadura brasileira da mesma década, ela foi conduzida pelos militares que conservaram

¹⁷ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 06/11/1984, p. 10.

¹⁸ Jornal *O Estado de S. Paulo*, 06/11/1984, p. 03.

seus privilégios e continuaram tendo destacável papel político nos anos seguintes (THOMAS, 2001a).

Ao longo de todo o século XX, as elites panamenhas mantiveram relações de amor e ódio, idas e vindas com os governos dos EUA. Quando perceberam o potencial de lucro do Canal, buscaram estabelecer novos tratados que alterassem a remuneração e conseguiram fixar para 1999 a entrega do controle sobre o Canal do Panamá para os panamenhos (CONNIFF, 2001). Em 1989, um mês após a queda do Muro de Berlim, vinte e quatro mil soldados dos EUA invadiram o Panamá para depor o presidente Manuel Noriega – até então aliado estadunidense – e colocou em seu lugar o candidato da oposição.

Considerações Finais

Na história política da América Central, séculos de dominação e exploração colonial espanhola foram substituídos pela dominação econômica, política e militar estadunidense ao longo de todo o século XX. O legado de um século de golpes, ditaduras, massacres institucionais contra populações indígenas e camponesas, guerrilhas e revoluções é uma cultura política de extremos e comandada por caudilhos. Lá como cá, nos anos 1990, uma democracia formal não alterou substancialmente o cenário político, que continuou excludente, corrupto, violento, economicamente baseado na agricultura de exportação, na miséria popular e privatizações neoliberais.

Comissões da Verdade foram feitas apenas na Guatemala e em El Salvador, mas com resultados não agradáveis às autoridades. Honduras teve a sua Comissão apenas em 2010 e a Nicarágua, nem isso. O desafio de promover a inclusão social permanece na encruzilhada política atual. Os golpes e instabilidade política continuam uma constante nas “Repúblicas das Bananas”: na Guatemala em 2004, em Honduras em 2009 e protestos e repressão violenta dão a tônica da Nicarágua atual novamente governada por Daniel Ortega.

Referências Bibliográficas

ARRIOLA, Arturo Taracena. Liberalismo y poder político en centroamérica (1870-1929). In: BRIGNOLI, Hector Peres (org.). **Historia General de Centroamérica** (tomo 5). San José: Flacso, 1994.

BOLAÑOS, Manuel Rojas. La política. In: BRIGNOLI, Hector Peres (org.). **Historia General de Centroamérica** (tomo 5). San José: Flacso, 1994.

CONNIFF, Michael. Panamá desde 1930. In: BETHEL, Leslie (org.). **História de América Latina** (tomo 14). Barcelona: Editorial Crítica, 2001.

CRUZ, Rodolfo Cerdas. Costa Rica desde 1930. In: BETHEL, Leslie (org.). **História de América Latina** (tomo 14). Barcelona: Editorial Crítica, 2001.

DUNKERLEY, James. El Salvador desde 1930. In: BETHEL, Leslie (org.). **História de América Latina** (tomo 14). Barcelona: Editorial Crítica, 2001a.

DUNKERLEY, James. Guatemala desde 1930. In: BETHEL, Leslie (org.). **História de América Latina** (tomo 14). Barcelona: Editorial Crítica, 2001b.

GRANDIN, Greg. **A revolução guatemalteca**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

GUILHERME, Cássio Augusto. **A imprensa como partido político-ideológico: o caso do jornal O Estado de S. Paulo**. Revista Dimensões (UFES), n. 40, jun/2018.

MONTGOMERY, Tommie Sue e WADE, Christine. **A revolução salvadorenha**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

RIVAS, Edelberto Torres. América Central desde 1930: perspectiva general. In: BETHEL, Leslie (org.). **História de América Latina** (tomo 14). Barcelona: Editorial Crítica, 2001.

THOMAS, Victo Bulmer. Honduras desde 1930. In: BETHEL, Leslie (org.). **História de América Latina** (tomo 14). Barcelona: Editorial Crítica, 2001a.

THOMAS, Victo Bulmer. Nicaragua desde 1930. In: BETHEL, Leslie (org.). **História de América Latina** (tomo 14). Barcelona: Editorial Crítica, 2001b.

ZIMMERMANN, Matilde. **A revolução nicaraguense**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.